

FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUMAS REFLEXÕES

FLAVIA BARBOSA DA HORA
ADRIANA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Introdução

Atualmente é notória a formação de jovens para o mercado de trabalho, a valorização de técnicos de curto período para atender a demanda do capital, com isso não se prioriza o investimento em escolas públicas, Universidades, formação de professores, salário justo aos educadores. O que se verifica são as seguintes dicotomias: “multiplicam-se, entre nós, os trabalhadores sem trabalhos, os estudantes sem estudos, os cidadãos sem cidadanias”. São incoerências decorrentes de políticas assistencialistas, a garantia apenas de instituições de ensino sem qualidade, o ingresso físico de professores sem condições de trabalho e alunos letrados e não alfabetizados. É o que afirma Linhares:

O antigo horizonte que sempre norteou as utopias socialistas, de que todos os estudantes trabalhassem e que todos os trabalhadores estudassem, passa por graves desafios, plantados por um projeto neoliberal que atrofia as oportunidades de trabalho e descaracteriza as instituições públicas, capazes de prestar serviços às classes populares, LINHARES (p.18).

Mas, afinal qual o papel da escola? Formar estudantes ou trabalhadores?

Em grande parte de nossa infância ouviu-se os mais velhos dizer, que temos que estudar para ser gente, e que “só através da escola é possível à educação e a capacitação para viver em sociedade”. A partir daí então surgem algumas inquietações: e a educação primária, aquela que trazemos de casa, essa educação não conta? Se através da escola temos um mundo melhor por que então não in-

vestir mais na educação e na formação desses indivíduos? Por que então não valorizar a profissão docente? Por que não põe a educação como algo prioritário em nosso país, já que a educação pode até modelar o homem e nos transformar em cidadãos de bens? Por que não investir nos espaços físicos escolares. Porém o que se verifica:

Prédios mal conservados; se modernos, com problemas estruturais, como meias paredes que dificultam a comunicação entre professores e alunos; professores demissionários de fato ou em potencial; inexistência ou precariedade de material didático; currículo quase congelado pelos mecanismos de reprodução que multiplicam os fracassos escolares; alunos e professores extenuados pelas múltiplas exclusões de que são alvos. LINHARES (2008, p.25-26).

Como está sendo a preparação do professor com a camada minoritária se sabemos que a educação nas escolas é uma educação elitista? O currículo, por sua vez, tinha como fator principal “analisar os fatores que levavam ao consistente fracasso escolar das crianças e jovens pertencentes a grupos étnicos e raciais considerados minoritários” (SILVA, 1999). Será que as crianças consideradas minoritárias tinham o mesmo tipo de educação das elites? Claro que não! As crianças consideradas minoritárias são geralmente de escolas públicas, ou seja, escolas voltadas para os pobres, enquanto as outras crianças eram de escolas privadas, voltada para elite. Porém, esses fracassos que ocorriam e ocorrem na escola, como o baixo rendimento e pouca frequência, são devidos aos preconceitos com suas teses sobre “seres inferiores”, incapazes e sem habilidades de exercerem cargos elevados. Há de se observar que havia uma desigualdade muito grande em relação à educação, “foi apenas a partir de uma segunda fase, surgida, sobretudo a partir das análises pós-estruturalistas e dos Estudos Culturais, que o próprio currículo passou a ser problematizado como sendo racialmente enviesado” (SILVA, 1999, p. 99). São essas e algumas outras inquietações que iremos refletir no presente artigo.

Contextualizando a Formação Docente no Brasil

A formação de professores constitui elemento fundamental para que se possa entender um pouco sobre a política que está sendo ofertada para esses profissionais nos dias atuais, é compreender como se dá essa formação. Partindo desse pressuposto podemos entender a formação dos professores desde a chegada dos jesuítas até a atualidade, foi em 1549 que os jesuítas foram mestres da educação brasileira até 1759.

Os professores brasileiros receberam uma educação baseada nos filósofos, antigos assim como os sofistas, voltada para um sistema que privilegiava a retórica, a exemplo disso, os sofistas naquela época, uma série de conhecimentos estudados até hoje dominavam os discursos e conquistavam muitos aprendizes. Mas, no entanto com a chegada do Marquês de Pombal, em 1759, foi quebrada toda essa estrutura religiosa, criou-se a escola pública. No período o processo de seleção dos professores para esse novo tipo de organização escolar, estabelece-se exames para mestres e mestras, a instrução no domínio do método caracteriza uma primeira intenção de preparar os docentes, ainda que de forma exclusivamente prática e sem base teórica, para o ensino.

Em 1834, surgiu um novo modelo europeu, com a primeira escola brasileira pela Lei de 15/10/1827, escola seria regida por um diretor no qual exerceria a função de professor também, ele poderia ser maior de idade sem nenhuma especialização tanto que soubesse ler, porém no século de XIX um processo de mudanças com as ideias de John Locke, Bacon que seriam elaborados manuais para orientar usos de matérias pedagógicas, que exigia domínio do professor nas suas práticas educativas, o que valeria por algum tempo para as mulheres, estas poderiam também participar do ensino brasileiro. Contudo ainda existia o pré-conceito no qual a mulher que bloqueava a sua profissionalização, com o movimento em, o magistério feminino apresentava-se solução para escola primária

já que a renumeração era muito baixa e o sexo masculino não desejava mais esse cargo.

A Constituição de 1891 instituiu o sistema federativo de governo e consagrou a descentralização do ensino público, ao final da 1ª guerra mundial houve várias alterações, as reformas de ensino seguiam o modelo europeu da época. Em 1939 foi criado o curso de Pedagogia, visando à dupla função de formar bacharéis, a preocupação com a metodologia do ensino continuava a se fazer presente, uma vez que a Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE), de 1957 a 1965, que objetivou a instrução de professores das escolas normais, no âmbito das metodologias de ensino. Para garantir o ensino para os pedagogos, então se iniciou um preparo para formação do professor das séries iniciais. Entretanto, houve falhas na política de formação, que pouco se valorizava à profissão quanto a renumeração do professor, ou seja, total negligência para com o professor. Não há de se negar que várias são as lutas, mais na verdade preocupa-se em formar o médico, o dentista, o juiz e etc.

Uma Reflexão Pedagógica com Base na Teoria Freiriana

Segundo o livro “Pedagogia da autonomia” contemplamos uma passagem em que Paulo Freire diz: “Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la”, este é um dos problemas que vivenciamos em sala de aula, não só por parte dos docentes mais dos discentes também. Paulo Freire faz grande críticas com relação ao currículo escolar, e, as formas de como os professores ensinam; só falam sem da oportunidade ao aluno de interagir na aula, é a través desse método de ensino que ele argumenta que não há “docência sem discência”, têm que haver um diálogo de ambas as partes, sendo assim, nem o professor, nem o aluno viram “objeto” um do outro; porém é dialogando que um compreende o outro, pois, é ensinando que se aprende, tendo em

vista que não adianta o educador ter uma boa retórica se o pensamento é “mecanicista”.

Educar para Paulo Freire é “ensinar o aluno a pensar certo”, é construir, ouvir é dialogar; enfrentar as barreiras do preconceito é ter a “consciência do inacabado” é pegar a “realidade concreta” e levar para sala de aula como conteúdo a serem discutidos nas disciplinas. É a troca de saberes da realidade dos alunos no âmbito educacional. Os professores têm que estar abertos para ouvir os questionamentos dos alunos, as suas inquietações a respeito dos problemas, aceitar as opiniões dos educandos, estarem aptos às críticas e também por limite na hora que necessário. O docente tem que ser autoritário, mas não adianta ser autoritário e não ser competente, pois a “incompetência desqualifica a autoridade do professor”.

Fazemos das palavras de Paulo Freire as nossas, “Gosto de ser gente porque, inacabado sei que sou um ser incondicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”. Ele diz que gosta de ser gente porque está em constante transformação e que não quer apenas ser um objeto no mundo, mas sujeito também da História. “É a consciência do inacabamento que nos torna pessoas éticas”, entretanto a ética é fundamental para nossas vidas. Como somos seres que estamos em constante mudança, podemos também contribuir na transformação do mundo, ou seja, nessa metamorfose, longe do isolamento, todavia em conjunto, um ajudando na transformação e no desenvolvimento do outro. Estar no mundo necessariamente significa está com o mundo e com os outros, é usufruir das coisas que o mundo nos oferece, e não ficar como rochas.

Como Paulo Freire disse que educar é ouvir os alunos, em outras palavras é convidá-los a participarem das aulas, mas nem sempre os “professores” estão aptos para tal. Tem educador que ainda não enfrentou o preconceito, e se sente superior aos “diferentes”, então para o mesmo pouco importa a opinião do outro. Não

obstante, não podemos só olhar aos pontos negativos, pois, sabemos que tem professores que comparamos como um discípulo de Freire; estimula o aluno a falar, a pensar a participar das aulas e nos mostra que essa relação de trocas de informações dos docentes para com os discentes, e vice versa, é que nos possibilita um aprendizado melhor.

Percebe-se, que essa discrepância não é só por parte dos docentes, no entanto dos discentes para com os próprios discentes. Observamos nas salas de aulas, que sempre ha aqueles que se sentem superior, oprimindo-os, criticando-os. Isso é uma demonstração que ainda existem seres que gostam de inferiorizar por se sentirem superior ao outro, esta é a mais pura realidade que presenciemos no nosso cotidiano.

Um Novo Professor para um Novo Mundo

No novo mundo. As pessoas mudaram. Ocorreram assim várias transformações em nossa vida, o que nos mostra que estamos em frente a uma nova sociedade com novas concepções e novos desafios. O século XXI é o marco inicial para formação docente, é o momento em que as instituições e a profissão docente mudam radicalmente seu método de avaliação, o que vemos agora não é uma mera transmissão de conhecimento para educação, mais um novo transformar agora é uma sociedade democrática, solidária integradora, porém para que isso aconteça de fato; é necessário que a instituição educação se adeque as novas tecnologias e atrelando o uso à função e as novas possibilidades de uso para o ensino e assim pensar em uma educação sólida.

A instituição deve ensinar não somente o que 1+ 1 mais sim a complexidade do que é a vida: as praticas sociais, culturais, os valores tais como; o que é ser diferente, o que é democracia social e igualdade. As instituições educativas devem promover que as instâncias ajudem no processo de educar. Há tantas dificuldades

quando se fala em assumir uma profissão docente, cabe perguntar: Quais as competências necessárias para educar? O que nos leva uma repercussão educativa de qualidade? E o que é educação?

Na história da profissão docente, por exemplo, no Brasil durante a ditadura militar, as condições de trabalho e os salários se tornaram precários. E os professores silenciaram, não lutaram pelos seus direitos. O que se verifica também nos dias atuais.

O perfil do professor no século XXI é de construção e junção do sujeito, um profissional que seja capaz de construir valores, que seja capaz de fazer leituras aprofundadas sobre o fenômeno educacional. Tal perfil se caracteriza quando a construção do sujeito se dá com o momento histórico e uma necessidade da sociedade, para então se compreender que sujeitos se quer formar. Cabe assim o professor refletir sobre sua realidade, sobre o que por um processo de construção do sujeito historicamente situado e que condicionam a transformação da sociedade. Ser professor então é ter um caráter dinâmico, reflexivo, solicitando em que o professor articule com os saberes.

Para Imbernón, (2006): a profissão docente é um compromisso ético e moral, daí observa-se que o educador segundo Imbernón, educar podemos destacar:

- Ver o docente como um profissional implica dominar uma série de capacidades e habilidades especializadas os que fazem ser competente em determinado trabalho, e que, além disso, o ligam a um grupo profissional organizado e sujeito do controle.
- A conquista dos espaços profissionais deve supor o aumento de democracia real e ajuda a evitar a exclusão social dos educandos, colaborando com a comunidade.
- O conceito de profissão não é neutro nem científico, mas é um produto de um determinado conteúdo biológico e contextual, uma ideologia que influencia a prática profissional, já que as profissões são legitimadas pelo contexto.

- Ser um profissional da educação significará participar na emancipação das pessoas. O objetivo da educação é tornar-se as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social.

A formação de professores na perspectiva reflexiva é uma necessidade, a profissão docente nos remete a um diálogo específico uma necessidade de dividir as responsabilidades sociais como diz Lanier (1984), “Os professores possuem um amplo corpo de conhecimentos e habilidades especializadas que adquirem durante um (prolongado se aceitarmos a formação como desenvolvimento durante toda a vida profissional) período de formação [...], emitem juízos e tomam decisões que aplicam a situações únicas e particulares com que se deparam na prática”. A competência profissional é de suma importância para formação, a função de ensinar, é uma tarefa educativa, a profissionalização faz parte também da sua prática profissional.

Considerações Finais

Podemos considerar que a formação docente e que a construção de uma cidadania só é possível através de uma educação de qualidade, com profissionais qualificados e que o professor deve estar sempre buscando melhoria e qualificação na sua profissão docente, sendo assim preparando aulas criativas, interagíveis despertando o interesse dos alunos, e ajudando-os a terem um pensamento crítico reflexivo e construtivo sobre as coisas, sobre as pessoas, enfim, sobre tudo que há no mundo e que está ao nosso redor.

A formação docente começa da construção racional dada pelo professor e adquirida pelos estudantes isto só é possível com um treinamento sobre o exercício de liberdade. Por fim, a formação docente não pode apenas ser tratada como uma prática reflexiva, mas como um mecanismo para o aprendizado do alunado. Os rela-

tos desse presente estudo demonstram a necessidade da valorização da formação da formação docente sobre tudo porque há carência de professores formados nas suas determinadas áreas, daí surge a motivação para a investigação sobre a formação docente para que torne os educando em cidadãos críticos e reflexivos da realidade que os rodeia com uma formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual.

Referências Bibliográficas

- IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional forma-se para mudança e incerteza, São Paulo: Cortez, 2006.
- LINHARES, Celia. Formação de Professores Pensar e Fazer, São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, São Paulo, 1996.